

ÁLBUM DO PIBID FURG6



ÁLBUM DO PIBID FURG6



Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons - Atribuição-
NãoComercial 4.0 Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Marcia Carvalho Rodrigues, CRB 10/1411

A345 Álbum do PIBID FURG 6 [recurso eletrônico] / Ana Zeferina
Ferreira Maio, Dinah Quesada Beck, Elaine Corrêa Pereira
[organizadoras]. – Dados eletrônicos. – Rio Grande, RS: Ed. da
FURG, 2017.

Modo de acesso: <<http://www.sabercom.furg.br/>>
Vários autores.
Disponível também na versão impressa.
ISBN: 978-85-7566-518-3 (eletrônico)

1. Professores – Formação. 2. Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação à Docência (Brasil). I. Maio, Ana Zeferina Ferreira. II.
Beck, Dinah Quesada. III. Pereira, Elaine Corrêa. IV. Programa
Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). V.
Universidade Federal do Rio Grande.

CDU, 2ª ed.: 37.011.3-051

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|--------------|
| 1. Professores – Formação | 37.011.3-051 |
| 2. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil) | 37.014.5(81) |



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitora

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

Vice-Reitor

DANILO GIROLDO

Chefe do Gabinete da Reitora

DENISE MARIA VARELLA MARTINEZ

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

**Pró-Reitor de Planejamento e
Administração**

MOZART TAVARES MARTINS FILHO

Pró-Reitor de Infraestrutura

MARCOS ANTONIO SATTE DE
AMARANTE

Pró-Reitor de Graduação

RENATO DURO DIAS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

**Pró-Reitora de Gestão e
Desenvolvimento de Pessoas**

LUCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE
ANELLO

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação**

EDUARDO RESENDE SECCHI

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE
LOBATO

ANDRE ANDRADE LONGARAY
ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

GIONARA TAUCHEN

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCELO GONÇALVES MONTES D'OCA

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

RAUL ANDRES MENDOZA SASSI

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Ana Zeferina Ferreira Maio
Dinah Quesada Beck
Elaine Corrêa Pereira

ÁLBUM DO PIBID FURG

6



Rio Grande
Editora Furg
2017



Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons - Atribuição -
Não Comercial 4.0 Internacional.

índice

Apresentação	5	A batalha	30
Uma boa aula - parte II	7	Uma sexta-feira nublada	33
A natureza escolar	10	Dona Deolinda	35
Querido aluno, que a força esteja com você!	12	A sala de aula dos números	39
A química em um pacotinho de suco	14	Vivências especiais: Contentamento entre os envolvidos	41
Uma segunda-feria chuvosa	17	Sobre os caminhos que levam a "ser" professor ..	43
Só mais uma aula de matemática	19	Primeiro dia de professora	45
A menina solar	21	Entre caixas e pedras	47
Permissão para voar	23	Talvez	50
O planeta como um lugar para salvar	26	Créditos	52
A ansiedade do reencontro	28	Processo de criação	54

Apresentação

Elaine Corrêa Pereira,
Dinah Quesada Beck e
Ana Zeferina Ferreira Maio

A docência não é um estado a qual se chega, e sim um caminho que é feito.

Juan Manuel Álvarez Méndez

Um novo álbum se concretiza na comemoração dos dez anos do PIBID da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Mais um grupo de professores/as, licenciandos/as, estudantes da educação básica e escolas parceiras se encontram em torno das histórias erguidas em narrativas acerca da docência. Narrativas que desvelam experiências, nas quais a sala de aula é protagonista da cena. Processos formativos reflexivos são descritos em forma de histórias constituindo-se numa forma de “caminhar para a docência”. Este trabalho conquista sentido na formação de professores: por meio da escrita narrativa os sujeitos do processo educativo constituem-se docentes, ao vivenciar as cotidianidades da escola.

A escrita narrativa tem sido por nós perseguida, pois vemos nela um potencial significativo na formação docente, por colocar o sujeito aprendente do ofício de mestre como protagonista do seu processo de formação e o cotidiano educativo em destaque.

O/A professor/a está sempre aprendendo e a partir de escritas e re-escritas de histórias de sala de aula nossos pibidianos/as



nutrem as suas reflexões sobre a prática docente, buscando nas palavras a explicação, ou melhor, a problematização da realidade vivenciada.

Essas experiências formativas da docência entrelaçando escola, universidade e comunidade de aprendentes são contadas como forma de serem compartilhadas e buscam dar sentido ao que fazemos, ao que nos acontece, ao que nos afeta dos processos formativos. Assim corroboramos com Larrosa (2002) quando diz que a experiência é:

Aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação (p. 21).

Os nossos álbuns, ao longo desses 10 anos de PIBID, tem se constituído de registros reflexivos, escritas da sala de aula que presentificam, a partir das vivências dos/as nossos pibidianos/as, a experiência do que é vivido em forma de narrativa, pois conforme Kramer (2000):

[...] na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, a ação e contada a um outro, lida pelo outro, compartilhada, se tornando infinita. Esse caráter de permanência, de ir além do tempo vivido e de ser coletiva, constitui a experiência (p.113).

A realização da sexta edição do Álbum do PIBID foi um prazer e um desafio! Diante da impossibilidade posta pela escassez de recursos financeiros foi preciso reinventar, propor uma outra forma de pensá-lo. Um árduo trabalho de elaboração, ilustração e diagramação. Somos comunidades aprendentes de professores e nos constituímos nos “Diálogos em Roda” na formação acadêmico-profssional. Certamente, sem esse coletivo no qual nos constituímos não teria sido possível. E aqui está o sexto álbum, um lindo álbum!

Sua reinvenção e a proposta coletiva de sua construção reverbera para nós como um sopro de esperança na continuidade do Programa. Fica Pibid! Pibid sem cortes e sem interrupção! Que essas palavras ecoem num momento político tão delicado como este, e sensibilizem para a importância deste programa na formação de professores e melhoria da educação básica.

Por fim, gostaríamos de registrar que as historias aqui reunidas, ou ainda, os registros do vivido buscam proporcionar leituras e interpretações sobre o cotidiano escolar. Esta obra se converte num convite aos leitores, para que os mesmos se permitam pensar de outros modos, que coloquem suas verdades em xeque e não hesitem em interrogá-las.

Uma boa leitura a todos/as!

Uma boa aula



PIBID Biologia
Luiz Gustavo Lopes

João, nosso dorminhoco protagonista, descobrira que na última aula de biologia foi combinado uma saída de campo para a praia do Cassino. Muito entusiasmado para desvendar os mistérios do lugar o rapaz logo preparou a sua mochila: garrafinhas de água, filtro solar, lupa, binóculo, e o material de coleta, uma vez que a intenção da professora era que os estudantes confeccionassem um herbário didático.

Ao chegar à praia, com os colegas e a professora, percebera a imensidão do cenário, bem como a sua beleza. Dunas com vegetação característica, animais como o tuco-tuco, a coruja buraqueira, e ao fundo, o vasto mar que se perdia no horizonte. Vidrados na explicação, João e os demais, sentaram ao chão e a aula se estendera. Por mais que estivesse interessado, o incompreendido jovem não resistira ao fofo da areia e

rapidamente pegara no sono...

Sons estranhos permeavam seus ouvidos e ao abrir os olhos, nosso aventureiro encontrara um local fantasiosamente devastador. As dunas pareciam perder a vida, grandes canos depositavam esgoto no mar de maneira incessante, até mesmo robôs que cortavam e incineravam as plantas que estivessem no caminho. Tudo parecia digno de um jogo de ficção.

Ao transitar pelo cenário apocalíptico o rapaz percebera que a sua presença chamou atenção das figuras que ali se encontravam, e que no momento caminhavam em sua direção.

Muito aflito e procurando alguma maneira de se defender olhou ao redor e num ímpeto de esperteza lembrara “pertence à família das Amarantaceae o *Blutaparon Portulacoides* possui raiz pivolante da qual partem raízes horizontais avermelhadas e que podem ultrapassar um metro de comprimento e destas partem outras ramificações”. E mais do que rápido atirou o vermelho amaranhado, como uma rede na direção daquelas ameaçadoras figuras. Ainda correndo, nosso protagonista festejara pelo sucesso em despistar os inimigos, até que, em um momento de descuido, caiu em uma pilha de lixo que ironicamente na praia se encontrava. Mesmo com a perna lesionada continuara a jornada a fim de desvendar o porquê de toda aquela destruição.

Um tempo depois fora surpreendido por uma plantinha atraente que, misteriosamente, João julgara ser útil ao seu problema com a perna. “A espécie *Polygala cyprassias*, é conhecida como gelol da praia, integrante das Polygalaceae, suas raízes possuem propriedade medicinal analgésica”. Intrigado com a origem de tanta informação, o sagaz menino não hesitara, e em segundos já havia resolvido o impasse.

Em um breve período de descanso, aproveitara para observar o que ainda restava da paisagem ao redor; Eis que pelas lentes do binóculo outro surto de sabedoria ocorrera; uma vez que pudera avistar “Margarida das Dunas (*Asteraceae*), Treme-Treme e Capim-Gambá (*Poaceae*),” e por fim uma espécie de nave, que aparentava ser o único meio de transporte para fora daquele lugar caótico.

Ao seguir na direção do “veículo” os assustadores inimigos voltaram, e desta vez gritavam seu nome sem parar:

– João! João! João! João! João!

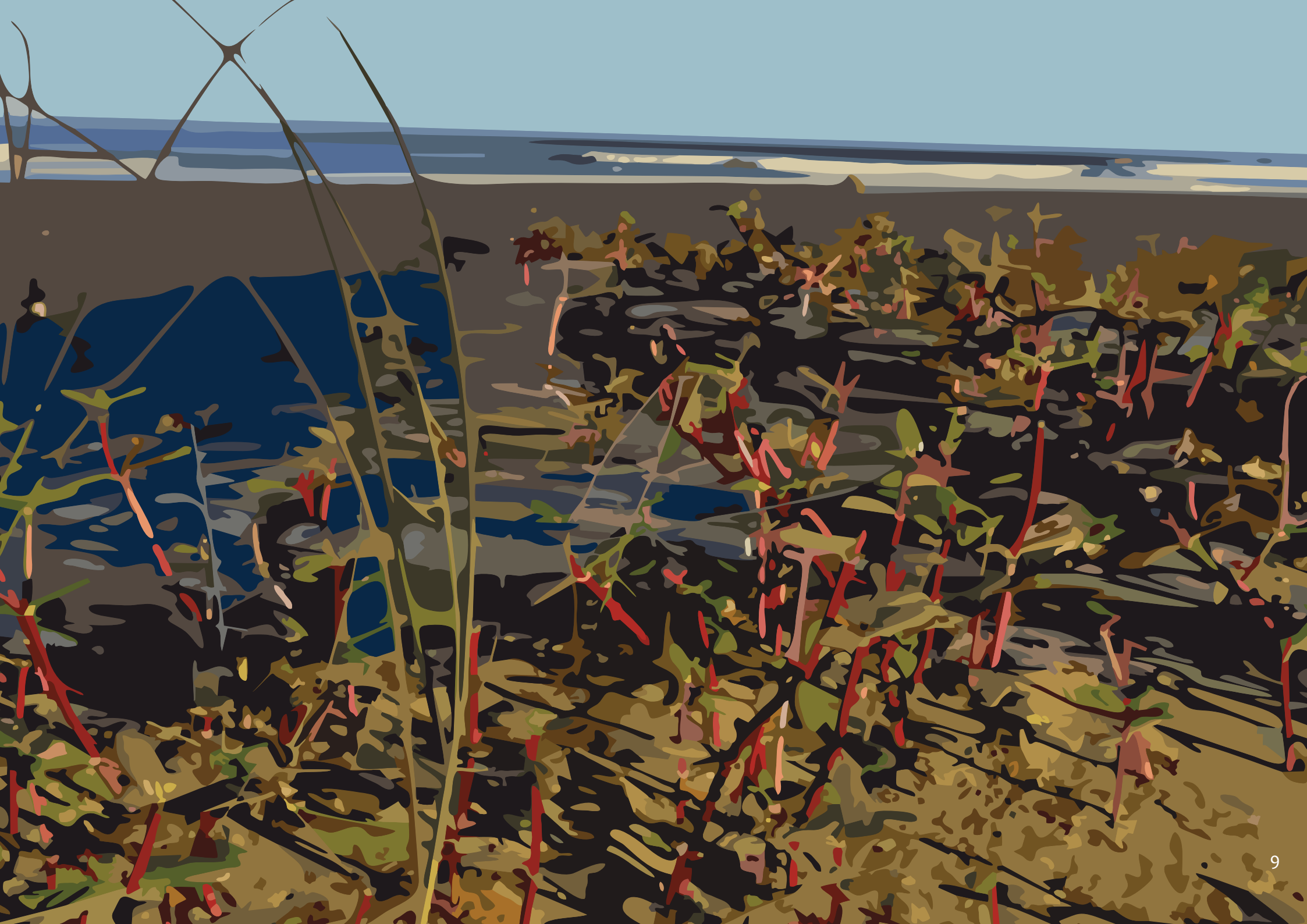
Assustado com a algazarra, João corria ofegante, pensando apenas em fugir daquele lugar hediondo, até que, por um descuido e desatenção, caiu em um buraco que parecia inacabável:

Nããããão!

Ainda atordoado, o protagonista da história, se encontrara deitado perante a insatisfeita figura da professora de Biologia; que disse:

- João! Eu não acredito que você dormiu até na saída de campo; se continuar assim você não vai aprender nada!

Mal sabe ela...





A natureza escolar

Em um bairro onde as pessoas não davam muita atenção para a educação, onde a maioria da população era classe trabalhadora, que preocupavam-se mais em não faltar comida na mesa do que a participação de seus jovens nas escolas, havia uma escola com um grande potencial. Nela, assim como a maioria das escolas públicas do estado, localizadas nas periferias, tinham uma grande taxa de desistência escolar por parte dos alunos, entre outras dificuldades. Pensando como resolver esses problemas os alunos do curso de física atuantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da universidade local, juntamente com seus professores e orientadores tiveram a ideia de fazer

uma estufa orgânica

para relacionar os conteúdos de física e outras disciplinas, no sistema de ensino, utilizando o método da interdisciplinaridade e deixando suas aulas mais interessantes.

A ação dos pibidianos aos poucos foi ganhando forma. Feita com material reciclável, as garrafas pets ao invés de irem para o lixo, foram sendo recolhidas e armazenadas na escola, assim ajudando na preservação do meio ambiente. Não pense que foi fácil, recolher centenas de garrafas e transforma-las em material reutilizado.

Após alguns meses de trabalho a estufa estava pronta e as aulas de física começaram a ser mais produtivas, os alunos estavam interagindo de forma direta, trazendo conhecimentos de plantio, irrigação, compostagem, entre outros.

PIBID Física
Fernando Augusto Koch

O professor então passava a ser o mediador do conhecimento na relação professor-aluno, transformava essas informações em conteúdos relacionados à física. Com isso a física ficava mais atraente e encantadora, chamava a atenção de todos.

Toda produção de legumes que a estufa produzia, era retornada para o refeitório da escola. Os alunos levaram essa mesma ideia para suas casas e aquele cantinho do pátio que não estava sendo utilizado, tomou espaço para uma estufa. A partir desse fato, aquela família que se preocupava em colocar comida na mesa, passou a colocar alimentos saudáveis e dar mais atenção para a educação de seus filhos, pois perceberam que na escola que frequentavam havia um lugar onde as crianças e jovens eram ensinados a ser bons cidadãos.

Por fim, a solução de um problema que ocorreu no cotidiano de uma escola, tornou-se a solução para a comunidade. Com a alta produção de alimentos orgânicos a própria comunidade passou a fazer feiras todos os finais de semana. Isso chamou a atenção de toda a cidade, que passou a frequentar e usufruir dos benefícios que todo esse projeto proporcionava. A escola com uma ampla visibilidade e incentivadora disso tudo, recebeu do governo a implantação de cursos qualificantes na área da agroecologia, para fins de, auxiliar e qualificar seus jovens para esse novo mercado de trabalho que se formava na comunidade. Aos alunos e orientadores do PIBID, veio a gratificação de fazer parte dessa linda história.





Querido aluno
que a
FORÇA
esteja com você

Era o retorno à escola, o recomeço do projeto. Novos alunos, novos desafios. Os planos para aquela aula eram os melhores, e nós estávamos muito empolgados, já que os alunos podiam escolher temas que lhe interessavam para trabalharem. No entanto, um dos alunos não parecia sequer ligar para o que estávamos falando. Naquele momento, aproximei-me para saber o que estava passando por aquela cabecinha. Então, ele me respondeu:

- Eu não gosto de nada, tia. Não quero fazer esse trabalho, pois não gosto de nada.

Eu lhe respondi:

- Tem certeza? O que você costuma fazer quando não está na escola?

PIBID Português
Marianna Collares Soares Rego

- Na verdade, eu gosto de Star Wars. Ele me respondeu sem me olhar, enquanto rabiscava em um caderno qualquer.

- Sabia que eu também? Respondi animada.

Finalmente, ele me olhou. Era um olhar de surpresa e felicidade contida.

- Serio? Meu exercito favorito é o Jedi. Que a força esteja com você!

Respondi ainda sem acreditar naquele diálogo:


que a
FORÇA
esteja conosco!

Depois disso, ele me perguntou se podia fazer do grupo o qual escreveria sobre filmes, e eu respondi que sim. O mesmo aluno antes nada empolgado, levantou-se e juntou-se aquele grupo, no qual pôde compartilhar com outros apaixonados por filmes o amor dele pelo universo paralelo de Star Wars. Vi nele a determinação de Luke Skywalker.

Eu percebi, que na maioria das vezes, estamos mais próximos dos nossos alunos do que podemos imaginar, pois aquelas crianças têm suas próprias personalidades, suas próprias histórias.

Queridos alunos
que a
FORÇA
esteja sempre
com vocês!



A stylized illustration of a black dog with a white patch on its head, pouring green juice from a pitcher into a glass. The glass sits on a blue cloth. The background is a textured brown. The text 'A química em um pacotinho de suco' is written in green and white in the upper right.

A química em um pacotinho de suco

PIBID Química
Cezar Soares Motta

Nossa história acontece em uma tarde não muito ensolarada de terça-feira, na escola Marechal Mascaraço, situada na cidade de Pasargada, onde às 14h na turma 204 realizava-se o encontro dos estudantes com Moisés, professor de Química, para continuação das discussões conceituais que vinham sendo debatidas ao longo do primeiro trimestre de 2017. Quando de repente estes escutam duas leves batidas do outro lado da porta da sala de aula, os estudantes atentos avisam Moisés, que envolvido no diálogo conceitual com os estudantes não escutou as batidas... Ao se dirigir até a porta e abrir a mesma, ele encontra suas colegas químicas Cisteína e Chem, que ao verem Moisés dizem:

- Gostaríamos de realizar com você e sua turma uma atividade experimental que pensamos em nossas Rodas de Investigação Narrativa na Educação em Química – RINEQ.

Intrigado quanto à fala das colegas, Moisés as convida a partilharem a notícia com a turma e logo então as questiona:

- Meninas, eu estou curioso sobre quais aspectos da Química serão desenvolvidos nessa atividade experimental e o como a mesma vai acontecer?

Cisteína e Chem, dirigindo-se aos presentes na sala respondem:

- Bom, nós pretendemos levá-los hoje e na semana que vem a um espaço onde a Química está muito presente nessa escola, e adivinhem, não estamos falando do laboratório de Ciências. Qual lugar é esse pessoal?

Felizes com a possibilidade de ir a outro local que não a sala de aula, começa o murmúrio sobre qual local seria esse, até que Pedro, um dos estudantes da 204, responde:

- Professores, a cozinha da escola?

As professoras contentes com a resposta, respondem:

- Isso mesmo! Pois lá também é uma espécie de laboratório, onde

muitas misturas são preparadas, e lá iremos beber uns líquidos deliciosos e aprender Química utilizando eles!

Todos os participantes do encontro ao chegarem à cozinha da escola, são recebidos pelas cozinheiras Crislaine e Mara, que intrigadas com a presença deles questionam:

- Olá pessoal, no que podemos ajudá-los?

Moisés diz:

- Olá meninas, tudo bem? Hoje nós contamos com a presença de nossas colegas Cisteína e Chem, e elas gostariam de utilizar esse espaço para desenvolvermos uma atividade experimental, vocês nos permitem?

Crislaine e Mara, prontamente dizem:

- Claro pessoal, fiquem a vontade!

Cisteína e Chem então começam os preparativos para o desenvolvimento da atividade, inicialmente dividem os alunos em três grupos na cozinha, distribuindo a cada grupo uma jarra de um litro contendo líquido que haviam preparado antes do encontro. Após entregarem o líquido Cisteína diz:

- Galera nós gostaríamos que todos vocês provassem desse

líquido misterioso

que está nas jarras de vocês, depois provem os dos colegas e nos descrevam utilizando desenhos e palavras a forma e conteúdo do que imaginam estar contendo nas suas jarras e nas jarras dos colegas.

Após alguns minutos e vários goles nos líquidos, os grupos conversam e a estudante Amanda, fala:

- Professoras o que estamos bebendo é suco de limão! E nos parece que ele esta “forte” na nossa jarra, “fraco” na jarra do grupo do Pedro e “Médio” na jarra do grupo da Fernanda. Chem então responde:

- Muito bem Amanda! Realmente é suco de limão!

Ao terminar de dizer isso Chem fornece a cada grupo outra jarra, com um litro de água em cada, um pacotinho de suco e uma balança e diz:

- Pessoal agora nós gostaríamos de pedir que vocês observem o rótulo do suco que forneci a vocês, pois o conteúdo deles é o mesmo dos outros pacotinhos utilizados para produzir os sucos que vocês beberam. Gostaríamos que após terminarem de observar os rótulos, vocês utilizem de suas interpretações e tentem reproduzir os conteúdos das jarras. Ah e antes que eu me esqueça, anotem tudo que estiverem fazendo para replicar as soluções, inclusive cálculos e explicações!

Os estudantes começam a analisar os rótulos dos sucos, e argumentam que a possível diferença de sabor estava na quantidade utilizada do conteúdo de cada pacotinho para produzir o suco, começam a anotar valores, pesar o conteúdo do pacote, provar novos sucos e dialogar sobre o que estava acontecendo ao misturarem certa medida naquele um litro de água. Após tocar o sinal para finalizar o período da disciplina de Química os estudantes encerram suas anotações e as entregam para Cisteína e Chem, que então dizem:

- Pessoal esperamos que tenham gostado da atividade, pois na próxima semana iremos continuar a conversa a respeito de alguns termos como o

“fraco”;

“médio” e “forte”

sabor dos sucos que vocês provaram e argumentaram a respeito da constituição. Terminada a fala das professoras e encaminhado os estudantes para a sala, Moisés ainda no corredor se dirige as colegas professoras e diz:

- Estou ansioso para saber como iremos transformar esse fraco, forte e médio em saturado, não saturado e saturado com precipitado. Bem, como iremos fazer para dialogar a respeito das soluções concentradas e diluídas!

Ainda que saibamos que nossa história terá continuidade, a experiência vivida nos mostra a possibilidade de construção do conhecimento e apropriação dos discursos próprios da Química, a partir de ações investigativas com atividades experimentais que utilizem materiais de baixo custo, interação dos participantes e ressignificação de seus modelos ao exporem no coletivo seus argumentos sobre o que compreendem do fenômeno em estudo.



Uma segunda-feira

chuvosa

PIBID Biologia
Amanda Garcia



Era uma segunda-feira,

sim, segunda-feira, aquele dia em que todo mundo reluta a sair da cama sabe? Como se não bastasse este fato, o dia amanheceu com chuva, chuva essa que iniciou no dia anterior. Ai já viu né, dois motivos pra se pensar duas vezes antes de sair de casa. Levantei da cama arrumei minhas coisas e parti para a escola. Levava na mochila parte de um jogo que iríamos aplicar com nossa turma.

Chegamos na escola, ainda faltavam 15 minutos para bater o sinal. Procuramos pela professora e fomos informadas de que ela havia

ido a secretaria para saber se as aulas correriam normalmente naquele dia chuvoso. Quando encontramos com ela, ela nos falou que a diretora estava pensando em cancelar as atividades daquele dia devido ao pouco número de alunos que tinham vindo a aula.

Que pena! Tínhamos preparado um jogo para o 6º ano, que abordava o tema que havíamos dado na ultima aula (o ciclo da água), de modo que eles pudessem assimilar melhor o conteúdo da semana anterior. Ficamos tristes quando recebemos da professora a notícia da impossibilidade da aplicação do jogo naquele dia, pois uma semana antes quando levamos o conteúdo para os alunos, avisamos a eles que faríamos um jogo e eles ficaram contentes.

O sinal bateu e fomos para a sala de aula, pois ainda não tínhamos a certeza se as aulas seriam canceladas. Ao chegar à sala, ficamos surpresas com a quantidade de alunos que estavam presentes, quase todos, e aos poucos outros foram chegando. A professora então nos relatou que aquilo era incomum, que em dia de chuva eles não compareciam as aulas.

Logo que entramos já foram nos perguntando se havíamos levado o jogo que tínhamos prometido, foi ai que entendemos o motivo de eles estarem lá.

Ficamos muito felizes com o retorno dos alunos, pois não só eles compareceram a aula, como também haviam estudado a matéria para garantir pontos no jogo.

Nesse dia saímos contentes da escola, aliás, eu não me lembro de um dia sequer em que eu não saísse de lá encantada com alguma coisa. São inúmeras as historias vividas no Ana Neri, historias essas que vou guardar na minha memória para sempre, com muito carinho.



Só mais uma aula de matemática

PIBID Inglês
Pablo Munhoz Lidor

Ele não era bom em Matemática – pelo menos, era o que os professores falavam para ele. Porém, o garoto era bem familiarizado com números, mesmo não gostando deles. Quatro: o número de vezes que tinha repetido o sétimo ano. Setecentos e oitenta e oito: o salário do pai. Cinco: o número de irmãos que tinha. Três: o número de peças na sua casa. Trinta e oito: o calibre do seu ganha-pão. Quatro de novo: o número de homicídios esta semana no seu bairro. Cinco de novo: seria ele o próximo?

Também diziam que ele era ruim em Geografia, mas ele sabia muito bem o mapa da cidade; qual a trilha pegar pra conseguir a planta mais desejada, assim como as trilhas que levavam à rocha que mata mais do que todos os vulcões do planeta juntos. Diziam que ele não era bom em História, mas ele sabia muito bem quem era o antigo patrão, por que havia morrido, e como o novo havia se estabelecido.

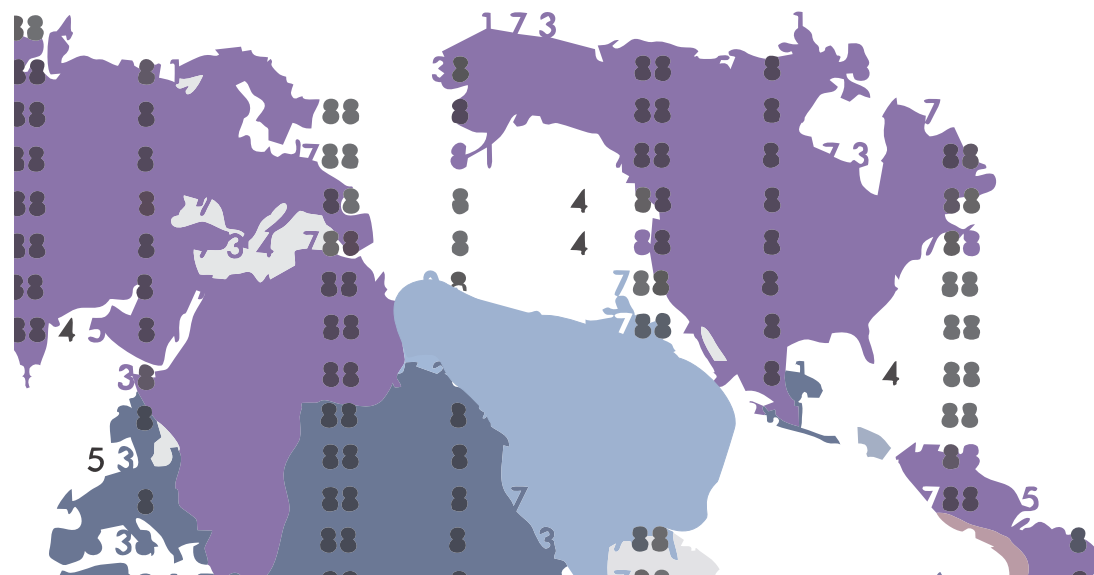
Diziam que ele não era bom em Português. Essa era afirmação de que ele mais discordava. Ninguém era melhor com as palavras do que ele. Sabia como enrolar a mãe, os professores. Sabia como argumentar com os consumidores do seu produto. Sabia o que falar para deixar o "playboy" apavorado na hora do assalto. Sabia mais gírias do que qualquer menino da sua idade. Não sabia o pretérito de verbo algum, mas sabia que quem não media suas palavras logo, logo virava passado.

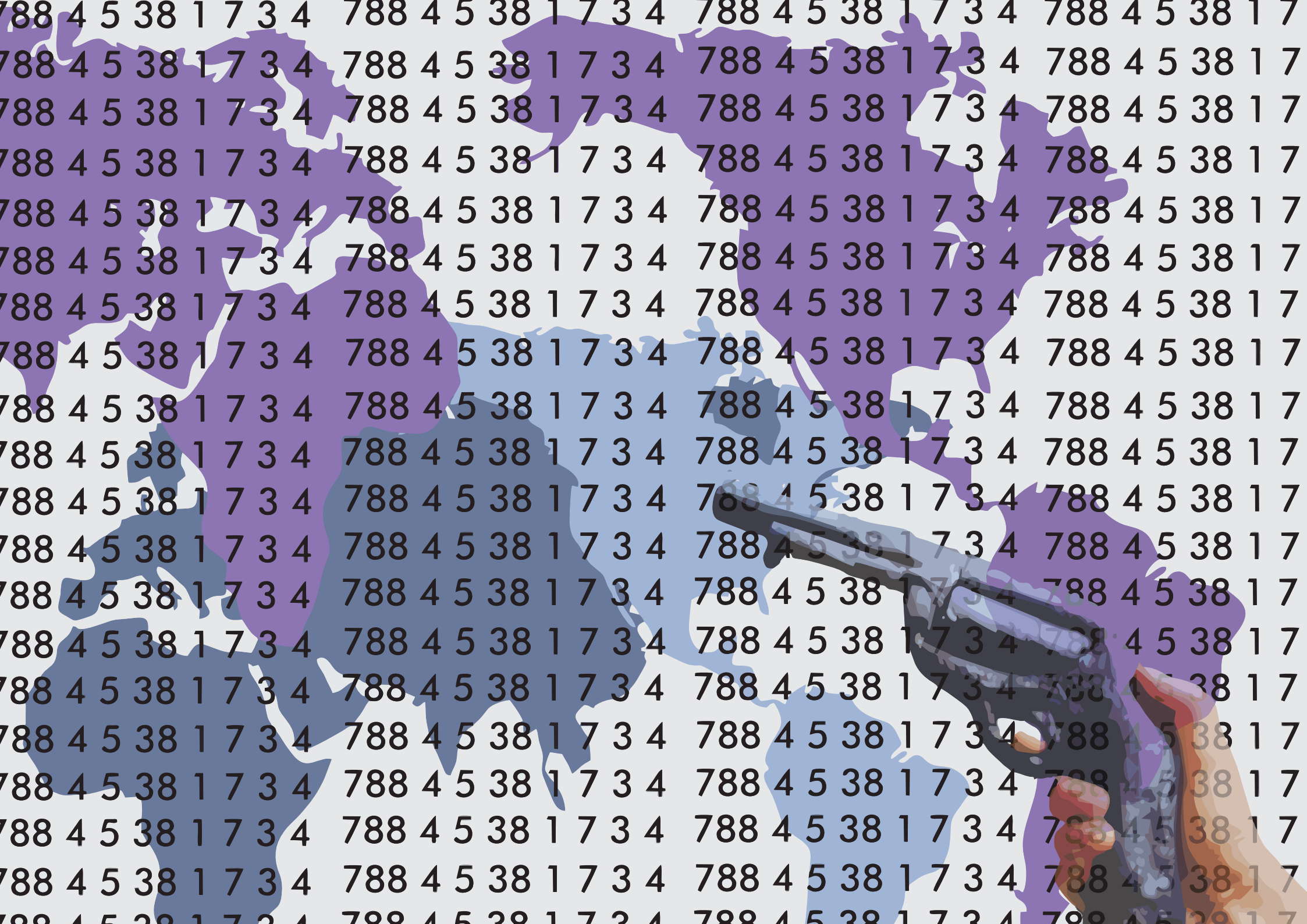
Como as aulas que ele mais tinha na semana eram de Matemática, voltemos aos números, agora os últimos. Um: o número de professores que o entendiam e acreditavam nele. Ele sempre

simpatizou com aquela professora. No meio de todos aqueles que viviam dizendo que ele não tinha salvação, ela via potencial nele. Suas notas com ela eram boas, e aquela aula, em especial, ele nunca faltava. "Inglês? Pra que aprender Inglês? A gente mal fala Português", questionavam seus colegas. Mesmo assim, ele estava sempre lá. Dois: o número de aulas de Inglês que ele tinha na semana. Ele gostava desse número.

Dois é um número menor, mas bonito. Ele não gostava de Ciências, mas sabia que era pela união de dois humanos que nascia outro novo. Só que dois, nessa equação, não foi suficiente. As duas aulas por semana com a única pessoa que acreditava nele não foram suficientes.

Dois era menor, menos que a metade. O número temido prevaleceu. O menino morreu. **Dois nunca foi maior que cinco.**







PIBID Interdisciplinar
Dayana Pereira dos Anjos

A menina SOLAR

Não irei falar da sala de aula propriamente dita, mas irei contar a história de uma pequena menina que me mostrou que o diferente é lindo e enriquecedor. Vamos lá? Era uma vez uma menina singular, excêntrica, encantadoramente diferente, desconhecia alguém com tamanha peculiaridade. Infelizmente ainda não posso revelar seu nome, pois perderia a graça, peço que pelas características aqui citadas, todos olhem para si e em volta, e vejam se há algo em comum com alguém do nosso meio. Ela tem uma beleza única, e nos faz sorrir até mesmo nos momentos difíceis. Seu jeito de vestir-se não é nada tradicional, e seu cabelo fica bem do jeito que ela acha que ficaria bem. Ela é do tipo que se tiver que dar um presente, com certeza será algo feito por ela mesma, nada dessas coisas compradas e comuns.

Ela gosta de ler e escrever, e isso com certeza é algo que lhe dá prazer, pois desde muito pequena ela tem uma interação mágica com o mundo da literatura. Falando em magia, arriscaria dizer que em outra vida ela certamente foi uma artista circense, pois nunca vi alguém tão sorridente e iluminada. Ela tem uma capacidade inacreditável de nos fazer sorrir, principalmente nas nossas reuniões no grupo do PIBID Interdisciplinar.

Basta nossa coordenadora propor uma atividade de encenação que já temos certeza que a diversão será garantida, chego a me descontrolar nas gargalhadas, e ao chegar em casa me pego pensando, como alguém pode ser tão autêntica e tão simples em suas interpretações. Ela é capaz de encenar uma simples situação cotidiana e todos quase morrerem de tanto rir.

Penso que ela ficará surpresa com essa história, pois nem sempre conseguimos identificar e reconhecer nossas próprias qualidades.

Assim são as pessoas, como as borboletas,

que mesmo com asas lindas e coloridas não consegue enxergá-las, são seres verdadeiramente belos e por vezes incapazes de reconhecer a própria beleza. Por todas as características aqui citadas, tenho certeza que todos sabem de quem estou falando, a menina solar, que na sua simplicidade empodera outras mulheres, e a forma como ver o mundo inspira muitas pessoas, e com certeza, tu Jamille, como professora será a causadora de transformações significantes na vida dos teus alunos.







Permissão para

VOAR



PIBID Interdisciplinar
Robson Gonçalves

A photograph of a beach with driftwood and plastic waste. The scene is dominated by several large, bleached, and gnarled pieces of driftwood scattered across the sand. The beach is littered with various pieces of plastic waste, including a pink bottle, a white cap, and other unidentifiable fragments. The ocean is visible in the background, with a calm surface reflecting the sky. The sky is a clear, pale blue with a few wispy white clouds. The overall mood is one of environmental neglect and pollution.

O planeta como um lugar para se salvar

PIBID Pedagogia
Juliana Dias de Oliveira dos Santos

Era uma vez 17 heróis com super poderes, cada um diferente do outro, porém, todos igualmente poderosos.

Um belo dia, o telefone tocou, era uma emergência!

– Alô? É do Eliezer a Escola dos heróis? – Chamou a voz desesperada.

– Precisamos de vocês, nossa praia corre perigo! O monstro do lixo está atacando tudo!

Os pequenos heróis cheios de vontade de usar seus poderes para salvar o mundo, saíram voando em direção à praia e para o susto de todos, o monstro era enorme e malvado, um monte de lixo gigante com olhos vermelhos e dentes de lata afiados.

– Eu vou destruir a praia e todo o mundo! MUAHAHAHA! – Gritou o monstro.

– Você não vai conseguir! Somos os amigos do meio ambiente e vamos “catar” você! – Gritaram os heróis.

E então começou a luta, alguns formavam pás gigantes para catar os pés do monstro, outros, jogavam seus lasers para dismantelar a lata a lata, papel e papeizinhos o corpo do monstro.

Depois de muita luta, o monstro era só uma sacola, uma sacola muito mal humorada, suja e tagarela.

– Vou me jogar no mar! – Gritou com a voz fina.

– NÃO! A cassineira vai comer você! – Todos os heróis gritaram em coro.

E então juntos, formaram um raio que destruiu a sacola do mal

– Agora sim, lixo recolhido! – Disse Isadora.

– Agora as dunas, a coruja buraqueira e a nossa praia estão salvas! – E com isto, todos juntos retornaram para a escola de heróis

Eliezer Rios, gritando:



- HERÓIS DA NATUREZA,
PRONTOS PARA SALVAR
DAS FORÇAS
DO MAL!

A ansiedade do reencontro



PIBID Pedagogia
Claudiana da Rocha Motta

Cada dia que
aquela porta verde
se abria,
um novo mundo
eu conhecia.

Parecia estar pisando em uma constelação brilhante, que nos fazia chegar à vários lugares, ampliando nossos horizontes.

Por vezes estávamos em todos os lugares, outrora parecíamos estar em lugar algum. Desejamos tanto concluir com êxito cada planejamento, mas muitos dias a água que do céu caía nos barrava!

O som do ensinar entrelaça-se com o som do aprender e, aos nossos ouvidos chegava, só de adentrarmos naquele corredor mágico ao qual o coração já pulava pois sabia que experiências maravilhosas iríamos viver e assim aconteceu.

A palpitação voltou a acontecer intensamente, dessa vez tinha algo diferente, pensamentos, questionamentos, aflição, enfim a ansiedade do reencontro.

Além do receio de não estar presente na memória deles, de não ser mais interessante, não ser quista de volta...

A ansiedade esteve presente, acompanhou-me desde cedo, percorreu o meu trajeto até a escola, abriu o portão da frente e me carregou no colo pelo corredor mágico, que particularmente neste dia estava tão silencioso.

Eis então que
abri a porta.

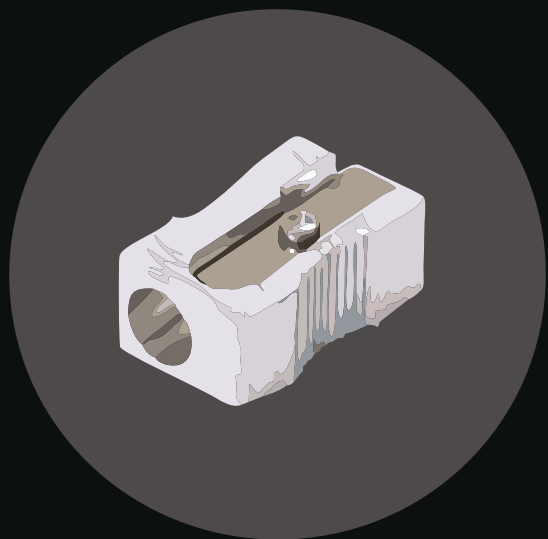
O brilho no olhar e o carinho daqueles abraços não mudaram!

O conforto do reencontro, da emoção, a alegria da lembrança é a melhor recompensa que possa existir.

Ter a certeza de cada momento dedicado ao nosso projeto transformou-se em evolução, conhecimento e pertencimento.

Nossos alunos apropriaram-se do mundo do PIBID, eles lembravam de nossas palavras, carregavam junto à si seus portfólios, lembravam das atividades e seus detalhes e o melhor... pedem por mais, mais encontros, mais desafios! A antes turma 33 evolui, trilhou seus sonhos e o destino escolhido, mas o brilho no olhar...

AHHMM o brilho daqueles
olhos só se intensificaram!



A batalha

PIBID Espanhol
Daiane dos Santos Ferreira



Pedrinho estava ansioso, pois sua mãe avisara que amanhã ele iria para a escola. Seria seu primeiro dia. Antes do jantar, seu irmão mais velho lhe contou várias histórias assustadoras sobre a escola; Pedrinho escutava-as aterrorizado. No jantar, o menino falou para sua mãe que não queria mais ir à escola; ela, por sua vez, tentou lhe convencer, falando das novas amizades, das novas aprendizagens e das brincadeiras divertidas. Mas, Pedrinho não se convenceu, pois acreditava que a professora seria um gigante malvado, que os alunos seriam anões perversos, e que cresceriam orelhas de burro em sua cabeça e em suas costas um enorme rabo de cavalo. Pedrinho foi dormir com medo.

Quando acordou estava dentro de uma escola; quem o recepcionou foi o

abominável, o mais temido perverso

Apontador Coringa. O vilão, assim que viu o garoto, disse que a escola não era ambiente para as crianças e que já fazia muito tempo que a “Era das crianças aprenderem” tinha sido extinta. Agora, a escola pertencia aos materiais escolares. O Apontador



Coringa ordenou as Tesouras Metralhas para que pegassem Pedrinho. O menino, assustado, correu para dentro de uma sala de aula, onde escutou uma voz que lhe dizia: “-Entre aqui!”. Pedrinho entrou, olhou à sua volta e não viu ninguém. Perguntou: “- Olá, tem alguém aí?” Alguém respondeu: “- Seja bem vindo, eu sou o Quadro-do-saber.” Pedrinho sorriu e pensou estar ficando louco, uma vez que quadros não falam.

O Quadro-Negro respondeu-lhe que não havia loucura nem devaneio, mas realidade. Logo, começou a contar o que tinha ocorrido com as escolas: o Apontador Coringa reuniu um exército do mal para dominar o mundo e extinguir o saber; convenceu então as Tesouras Metralhas de que os papéis (livros, folhas, cadernos, etc.) faziam mal. Convencidas, as malvadas cortaram e picotaram todos os papéis que poderiam ameaçar seus planos. A mesma coisa aconteceu com os Apagadores Vigaristas, os quais se



voltaram contra aqueles que ousassem escrever alguma coisa no quadro. Apagavam tudo incansavelmente! - Sabe, Pedrinho, do que tenho pena mesmo é dos lápis que, para não escreverem nada, os apontadores faziam a ponta diariamente, deixando-os pequenos, quase sem forças para lutar.

O menino escutava tudo espantado. Havia uma coisa que Pedrinho não entendia, e resolveu perguntar:

Onde estão as crianças???

Uma voz fina e baixinha lhe respondeu: “- O vilão prometeu uma casa de jogos com muita diversão para todas as crianças, lhes disse também que não precisariam estudar e que não haveria adultos para perturbá-las. Todas as crianças aceitaram, mas quando chegaram lá, foram aprisionadas no escuro.” O menino disse que algo deveria ser feito para que o Apontador Coringa não acabe com a escola, com o conhecimento e com a educação. Formou-se então a Liga do Saber.

Pedrinho e seus amigos foram até o lugar onde as crianças estavam aprisionadas e as libertaram. Em seguida, a Liga do Saber se dirigiu para a escola onde se encontrava o Vilão. Iniciou-se a batalha pela educação. Após um longo tempo, o Apontador Coringa foi derrotado, e, como punição, ganhou um adesivo em formato de

coraçãozinho

de uma menina que lia um livro. Todos comemoraram, se abraçaram, recuperaram os poucos livros que restavam e gritavam:

“-Viva a escola! Viva a educação.”

De repente, uma voz falou: “- Pedrinho, levanta, tá na hora! Vais te atrasar, vamos!” O menino abriu os olhos e deu-se conta de que ainda estava em seu quarto, vestindo pijama.

Uma sexta-feira nublada

PIBIO Artes Visuais
Rafael Branco da Silveira

Talvez João Pedro não se recorde do motivo que levara Marco Antônio a disparar contra ele, em tom enfático, a palavra “menininha”. Naquele instante, sequer soubera o que significava ser, segundo o vocábulo um tanto contundente do colega, uma “menininha”. Jamais havia escutado esta palavra e associado a uma pessoa que possuía um comportamento homoafetivo. Pois bem, mesmo desconhecendo o real significado da palavra na prática, soubera que era uma ofensa, pelo modo agressivo que fora pronunciada contra ele. Logo após, Marco Antônio dispara com o punho firme

um soco

deslocando João Pedro para a outra extremidade da sala de aula. O ato terminou. A agressão existiu. Contudo, nenhuma medida fora tomada naquele dia, nem nos que se erguiram. A professora, espantada com a atitude de Marco Antônio, o orienta a não cometer o mesmo ato novamente. O repreende de modo superficial e sem qualquer preparo.

Fora esta a primeira sexta-feira nublada na vida de João Pedro. Entre as outras que se seguiram, tornou-se apenas mais uma.

A partir deste relato, questiona-se sobre o preparo do professor frente a questões relacionadas à homoafetividade na sala de aula. O preconceito está presente seja dentro de casa, na rua, no trabalho e por que não dentro da sala de aula. Neste momento, crianças ao redor do mundo sofrem preconceito dentro de suas escolas por ser quem são. Neste sentido, devemos refletir sobre a posição e a tomada de decisão dos docentes diante do preconceito. Não podemos pensar em uma educação libertaria se não refletirmos acerca da diversidade, da pluralidade e das diferenças.

1998. Era uma manhã de Sol. Uma sexta-feira de Sol. Um dia de Sol. Mal soubera ele que naquele dia, as nuvens da vida apareceriam e deixariam sua sexta-feira nublada. Talvez fora a primeira sexta-feira nublada, pelo menos que ele lembre. Após aquela, várias outras sextas-feiras lhe pareciam nubladas, outras em tempestades, mas, em todo caso, soubera que algum dia o Sol voltara a brilhar. E voltou.

Na primeira série do ensino fundamental, João Pedro presenciou uma cena que mudara o curso de sua vida. Presenciou não, talvez o termo correto fosse vivenciou, uma vez que, de fato, era ele um dos agentes protagonistas da cena. O outro era Marco Antônio, um menino de idade superior, esguio e alto, de temperamento agressivo. Não recordara João Pedro o motivo que provocara o desenrolar da cena, mas certamente lembra-se das consequências, as quais não se encaixariam apenas no âmbito físico, mas também moral.

A sala de aula estava cheia; as crianças inquietas conversavam, ao passo que a professora exigia silêncio. Entre as enfadas crianças, estava ele, João Pedro Branco, com meros 6 anos de idade. Naquela época orgulhara-se pelos elogios de bom comportamento que eram apresentados a sua mãe, Sr.^a Branca, como era conhecida na escola – seria esta alcunha ou não um trocadilho pelo sobrenome. No entanto, ao que tudo indica, parece que seu comportamento não agradara a todos, decerto pelos seus trejeitos ou até mesmo pela sua estética.



Dona Deolinda

An illustration of a woman's face, likely Dona Deolinda, looking towards a plate of fresh vegetables. The woman has dark skin and is wearing a brown headscarf. The plate contains a variety of colorful vegetables including corn, tomatoes, and leafy greens. The background is a warm, brownish-orange color.

PIBID Interdisciplinar
Pedro Moreira

O caminho parecia não terminar. O ônibus chacoalhava mais que nunca. Cheio de pessoas de todas as cores, cabelos crespos, lisos, cacheados, presos, soltos, brancos. Pessoas de todo tipo. Algumas cochilavam com a cabeça encostada na janela, com a testa batendo pelo movimento brusco. Vários rostos. Vidas várias. Me perguntava o que cada rosto escondia, quais tristezas, medos, alegrias, decepções. Por um momento era quase como se eu pudesse ouvir o que pensavam: uma maça amorfa de sons inteligíveis.

Uma senhora de saia verde-limão, calça preta por baixo, olhava atentamente para um cartaz fixado em uma das janelas do ônibus. Era uma campanha anti-drogas.

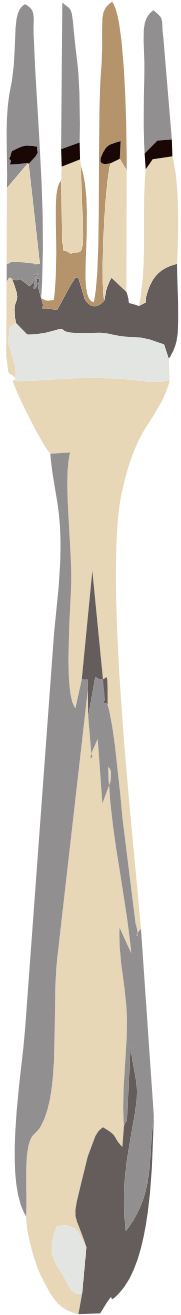
DROGAS: NÃO CAIA NESSA ROUBADA.

Uma imagem de jovens fumando e bebendo ilustrava o slogan. A senhora percebeu que eu estava fitando-a.

- O nome já diz, né... – ela comenta.
- Desculpe, o quê? – pergunto.
- Droga... o nome já diz que é coisa ruim...
- Ah, sim... – respondo com sono.

Mas ela não se deu por satisfeita. Ficou por mais um tempo olhando para o cartaz, aproximando-se um pouco mais.

- Tu estuda?



– Sim, na universidade – dou um sorriso amarelo.

– Percebi mesmo, tem cara – ela sorri.

Sorri de volta, mas sem muito interesse na conversa daquela mulher.

– Vi tu lendo... segurando o livro com uma mão e outra na barra do ônibus... Eu num sei ler, sabia? Num tive oportunidade. Eu tinha que trabalhar, sabe como é... antigamente as coisa era assim – dá um suspiro. Olhei para ela com olhos de quem não sabe o que dizer. Me lembrei de muita gente da minha família que teve o direito ao estudo negado pela situação econômica.

– Mas a senhora leu o cartaz ali – afirmo.

– Malemá, né... eu imaginei o que era isso... já vi muitas vezes a palavra droga escrita – para por um momento – já decorei como é. Mas o resto num sei não...

Eu continuava olhando para ela.

– Como é o nome da senhora mesmo?

– Deolinda, fio, e o teu?

– Pedro – respondo.

Fiquei encantado com a forma que ela pronuncia o próprio nome alongando-o.

– Por que a senhora não volta a estudar?

Ela ri um pouco, passa a mão ajeitando o cabelo grisalho.

– Tu mesmo já disse... sou véia, meu tempo já passou, num aprendo mais nada nessa vida. Já ouviu aquele ditado? Como é mesmo? Cavalo véio num aprende truque novo.

– Dá uma gargalhada gostosa.

– Que isso, não fale assim... nunca é tarde para se estudar.

– Ai, flo, é difícil, né... é a mesma coisa que antigamente: ou eu como ou eu estudo... trabalho todos os dias de manhã e tarde fazendo faxina.

Fiquei remoendo o que ela disse. Quanto será que realmente evoluímos em relação ao acesso à educação? Sobre tudo no que diz respeito aos jovens e adultos?

– Ah... mas tem jeito... eu mesmo faço parte de um grupo que trabalha numa turma de EJA lá na escola Silva Gama...

– Sei, aquela escola ali na avenida, né? Moro pertinho dali.

De repente ela fica em silêncio. Os olhos parecem um pouco cansados. Estica as costas, reclama de dores.

– Minha fia já me matriculou lá uns anos pra trás, mas daí ela ficou grávida e outro fio meu tinha ido preso... num tinha jeito... eu que cuido do meu netinho pra minha fia estudar, uma coisa muito lindinha, já tô com saudade já – sorri afetuosa.

– Olha ele aqui – ela puxou um celular do bolso, muito simples, lá tinha uma foto de capa. Um menino rechonchudo dando um sorriso. Naquele sorriso tinha alguma coisa da avó.

Eu ouvia a história dela, então muito atencioso. Estava bastante comovido. Era como se ao mesmo tempo eu estivesse falando com tantas pessoas que, na mesma situação, não vêm saída. Pessoas tantas que não tem acesso à educação básica. Não tem contato com um espaço que está ao lado de suas casas, muitas vezes. Histórias escolares interrompidas que circundam as escolas. De repente eu olhei para todos ali, a maioria de pessoas simples retornando de um dia pesado de trabalho.

“Ou eu como ou eu estudo”.



Essa frase ressoava na minha cabeça, me gerando um grande desconforto.

Contei a ela sobre o projeto do Pibid, sobre o tema que estávamos trabalhando. Falei que era sobre o que estava no cartaz, mas com uma abordagem diferente. Ela ouvia atentamente. Depois que eu parei de falar ela me disse que o filho dela havia sido preso por tráfico de drogas. Nesse momento uma lágrima correu abaixo, mas desapareceu num sorriso largo que ela me deu. Disse que por anos buscava ajuda para o filho que também era dependente. Contou dos episódios de violência que tinha presenciado. Das visitas ao presídio, humilhantes.

Apesar de ser quase analfabeta, Deolinda era letrada.

Ela podia não saber ler as palavras, mas lia o mundo. Como lia! Ela era plenamente capaz de entender os códigos e sinais que faziam a sociedade funcionar. Entendia que o estudo era muito importante, embora a escola tenha sido uma lembrança ausente, uma lembrança de desejo que permanece. Defendia a educação e, talvez, por isso, achava forças para sacrificar a si mesma para que a filha pudesse estudar. Ela, sem saber, apoiava a educação muito mais que muito governo – num ato solitário de bravura.

Descemos no mesmo ponto de ônibus, em frente à escola. Ela olhou por uns instantes e seguiu seu caminho; eu me dirigi para uma sala de aula, sabia que encontraria várias deolindas que, por muitos motivos, ansiavam pelo conhecimento, pela instrução. Saí daquele ônibus com uma promessa e um convite:

– Quando meu neto crescer ou minha fia terminar os estudo, eu volto a estudar... ah, e venha em casa tomar um café qualquer hora dessas...





A sala de aula dos números

PIBID Matemática
Matheus Pimentel Gomes

Era uma vez uma sala de aula diferente de todas que já se ouviu falar, a Sala de Aula dos Números. Nela estudavam todos os números singulares; havia o Um, era magrinho e representava poucas coisas; o Dois, que era um dos mais belos; e assim seguia até o Nove, cada um com suas características. Dentre os alunos desta sala de aula, Um era frequentemente excluído por seus colegas, o Zero. Eles diziam que o Zero não significava nada e sua aparência redonda o diferenciava muito do restante da sala. O aluno que mais incomodava o Zero e os seus colegas era o Nove, ele frequentemente dizia que era o maior e mais importante aluno, pois ele representava muitas coisas.

Certa vez, em uma atividade que envolvia cooperatividade em sala de aula, os alunos decidiram trabalhar individualmente, pois eram muito egoístas e achavam-se superiores aos seus colegas, principalmente o Nove. A exceção nessa atividade foi os alunos Um e Zero. Eles decidiram se juntar para fazer a atividade e a completaram magnificamente, dando origem a um novo colega: o Dez. O restante da turma ficou surpresa com aquele aparecimento. O Nove ficou chateado por ter perdido seu posto de ser maior e mais importante, pois havia surgido o Dez, o mais sábio de todos eles e, por enquanto, o maior. Em seu primeiro pronunciamento ele disse que possuía outros colegas que gostariam de estudar na Sala de Aula dos Números, mas para que eles pudessem ter acesso a esta sala os alunos deveriam se juntar e trabalhar em equipe afim de trazê-los. E o trabalho começou...

A partir daquele fato a escola ficou muito maior, cresceu infinitamente na diversidade e todos os alunos ficaram mais humildes, pois sabiam que **nenhum** seria o maior de todos.

1+0

1+0

Vivências especiais: contentamento entre os envolvidos

PIBID Educação Física
Luiza Quadros e Bruno Pedrini



Eis que imaginamos uma escola especial para alunos autistas... além destes, junte-os a outros com transtornos psicóticos. Pois bem, a difícil tarefa de ser professor ganha linhas notáveis a partir deste contexto.

Após bastante tempo de intervalo em férias, aconteceu o reencontro com os alunos do Centro de Convivência da escola. Os sentimentos eram variados. Não sabíamos se iriam nos reconhecer. A ansiedade estava a mil para reencontrá-los. Ao tocar a campainha na escola, alguns deles já pintaram dando um “Oi”, super animados, os outros aos poucos foram nos cumprimentando também, às vezes mais tímidos. Falamos um “Oi” geral para todas as professoras e, como de costume, nos encaminhamos ao encontro da professora Deborah.

Lembramos muito bem de quando conhecemos a escola. Em vias de querer ensinar, acabamos emocionados, logo em um primeiro breve encontro. Aos olhares dos professores e funcionários daquela escola, a sexta-feira provavelmente fora dia comum. Aos nossos, não. Aquele dia, pois, marcou nossa trajetória acadêmica, e sim, também marcou nosso usual modo de viver a vida, percebendo a importância da plena condição de cidadania em convivência com os especiais alunos.

Um dia combinamos ir para a praça Saraiva,

umas cinco quadras de distância da escola, para eles se acostumarem com o deslocamento e com o ambiente. Fomos para lá e propomos algumas atividades que no primeiro encontro envolveram mais a coordenação motora, para pegar a bola, passar; prestar atenção no que é solicitado. No encontro seguinte, introduzimos a temática de atletismo, e foi perguntado o que esse tema neles suscitava. Fizemos uma corrida de revezamento adaptada, e assim seguiu a mesma abordagem. É incrível a forma como eles expressam seus sentimentos e procuram comunicação. Durante esse trajeto, sente-se que nenhum tempo é perdido, e que não importaria se fossem dez ou mais quadras de distância até a praça: a cada momento tu estás aprendendo, e também transmitindo conhecimentos para eles, em uma incentivadora troca mútua. Esta oportunidade durante a graduação é motivo de muita felicidade e de agradecimento, fazendo-nos refletir a importância de ser professor.



Sobre os caminhos que levam ao "ser" professor

PIBID História
Desirée de Oliveira Pires

Era uma vez, uma menina que nunca pensou em ser professora. Infelizmente, essa não é a primeira profissão em que os jovens pensam ao optarem por um curso superior. Porém, ao longo do tempo, ela foi se afeiçoando pela História e pelas belezas (ou nem tantas) que ela carrega, principalmente, por conta do trabalho de bons professores, que embora muitos não acreditem, ainda ocupam as escolas públicas.

Descobriu que seria algo interessante a se fazer e resolveu matricular-se no curso de História Licenciatura após ter concluído o ensino médio. Muito embora o medo de tudo e desse novo mundo que implicava “o ser adulto”, ela se apaixonou pela docência e até mesmo pelos desgostos que, como toda profissão, esta carrega. Após o seu ingresso no curso, queria logo conhecer a escola e as pessoinhas que lá existiam. Queria realmente descobrir se tudo aquilo que diziam tanto bem – quanto de mal –, era mesmo realidade. Assim, a escola que antes lhe parecia algo tão corriqueiro do seu dia a dia de adolescente, agora parecia um novo universo a ser explorado.

Sendo assim, no segundo ano do curso, cheia de motivação e vontade de aprender, ela descobriu o PIBID de História e foi selecionada para participar do projeto. Foi então que, teve uma das suas primeiras chances de conhecer esse novo universo chamado

"Escola".

No seu primeiro dia de aula, o qual ela nem dormiu direito de tão ansiosa que estava que, realmente descobriu o que queria fazer da vida. À medida que começou a conversar com os alunos e ver aquelas carinhas cheias de curiosidades, sentiu aquela sensação de felicidade dominar a alma. Certeza, essa era a palavra certa. Certeza, de estar no lugar certo, fazendo aquilo que deveria fazer. Enfim, se (re)descobrimo.

Hoje em dia, ela continua tendo a mesma certeza de estar percorrendo o caminho certo. Agora, na reta final do curso, ela acredita ser uma outra pessoa: muito mais madura, muito mais crítica e cheia de sonhos e utopias. Afinal, qual será a graça da vida se não existir mais a esperança, a vontade de mudar, nem que seja um pedacinho da vida de alguém?

Com esse pensar, ela segue sua jornada firme e com o sonho de exercer a docência. E um dia, quem sabe, poder ser a motivação na vida de alguém. Ser tão importante na vida de alguém quanto aqueles professores do tempo de escola, foram para ela.



Primeiro dia de professora

PIBID Ciências EAD
Micheli San Martins Silva

A escola era nova, uma semana antes fui lá para conhecer o caminho, os professores, os alunos o ambiente escolar num todo. Era inevitável o primeiro dia de aula se aproximava! Um misto de sentimentos tomava conta do meu ser, muita ansiedade, medo, nervosismo, era tudo novidade era o marco, a mudança de aluna universitária para professora de Ciências.

No dia da aula já na sala dos professores, colegas deram conselhos práticos:

“Não
mostre
os dentes
NO PRIMEIRO DIA”

Você vai para a turma 63? Hum essa turma tem repetentes! Escutei tudo aquilo em silêncio, minha cabeça era um turbilhão de pensamentos, e se eu fracassasse? Guardei todos os conselhos para mim, acredito que a experiência de cada professor é única não necessariamente que seja de todos, pois o aluno problema de tal professor seja apenas dele e a turma fácil talvez não flua tão bem assim como se imagina.

Passados alguns minutos tocou o sinal para a minha primeira aula na turma 63, um friozinho na barriga tomou conta de mim, era notável o medo de entrar numa nova sala, com alunos novos, medo talvez de perder ou de não ter o controle da turma. Me encaminhei até a sala da turma do sexto ano, entrando em sala estavam todos alunos com os olhos grudados em mim. Me apresentei como a professora estagiária de Ciências. Planejei a quantidade de conteúdo que permitia uma aula produtiva dinâmica que fosse prazerosa tanto para mim como para eles, dei início a aula começando pela chamada, olhando para cada carinha a cada nome chamado.

Então começamos nossa aula sobre “O ciclo da água”, levei um globo terrestre, para que os alunos tivessem um maior contato com o objeto que estávamos estudando. Comecei a questioná-los sobre: vocês sabem o que esse objeto representa? Por que a cor azul predomina o globo terrestre? Se a água é incolor porque no globo terrestre está em azul? Como são as águas dos oceanos? Essas águas dão para beber? As respostas eles tinham na ponta da língua, a conversa foi fluindo naturalmente. Os quarenta e cinco minutos de aula foram corridos, não dei tempo para que eles conversassem outros assuntos que não fosse da aula. Sai daquela turma satisfeítíssima com a aula dada, pois antes da aula eu estava tão nervosa e no decorrer da mesma parecia que já sabia como fazer, me senti muito bem com eles.

Entre caixas e pedras

PIBID Francês
Raquel Santos

Pandora estava guardada no fundo do meu armário, havia décadas, vez ou outra eu espiava ela de longe, mas abrir... "nunca mais", eu pensava. Pandora foi comigo para vários lugares sempre foi companheira fiel, mas fechada. Ela lá na prateleira do fundo do armário, eu vivendo a vida que se apresentava. Muitas vezes, quando tudo perdia o sentido, eu ficava observando Pandora já empoeirada e com aquelas manchas amareladas que denunciam que o tempo está passando, e quando alguém me perguntava sobre a caixa eu ia logo dizendo: "Bobagem! Coloquei aquela caixa fora faz tempo, um monte de devaneios.", e encerrava a conversa. Deus me livre despertar a vontade de abrir aquela tampa!

E como era de se esperar, *o tempo passou*

rápido demais

e aproveito para dizer aqui aos que ainda não sabem, abram suas tampas, pois o tempo é uma correnteza feroz, é um vulcão, uma avalanche e por vezes um terremoto cruel e inesperado, e assim eu fui indo, entre cálculos e imposto de renda, bom dias e boa tardes, chaves do 306, 401, 604, louças e noivas. Até que um dia, entram dois olhos de Safiras na minha vida e cada

vez que eu me perdia naqueles olhos de mar, de céu, uma vontadezinha de tirar aquela tampa aparecia. "Não. Agora mesmo que não. Olha bem estas pedras te fitando. Não inventa bobagens! Agora mesmo que não dá! Não se mexe em time que está ganhando. Esqueceu? "

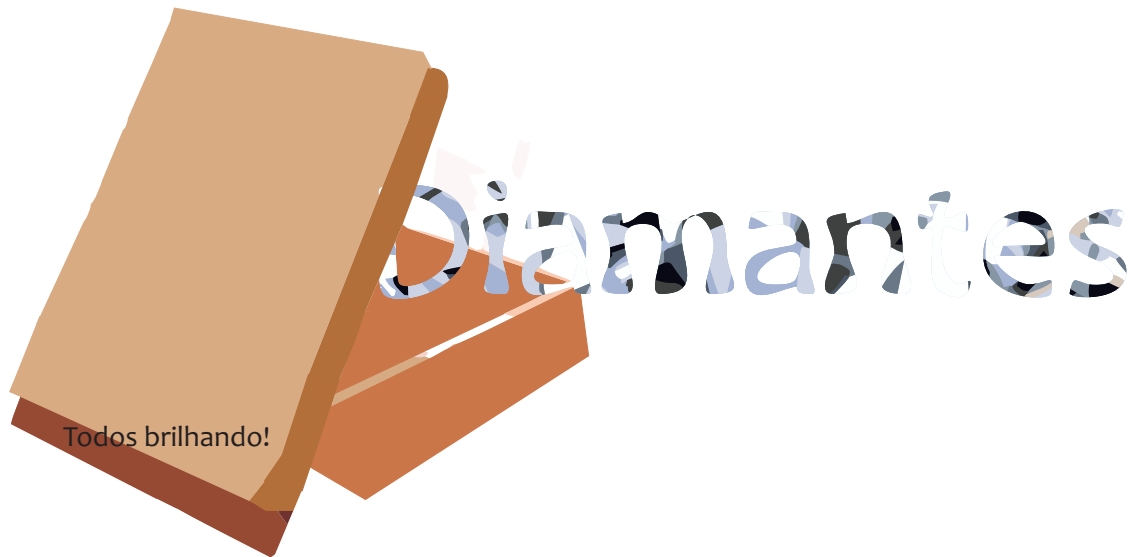
Ok! Vamos lá. Soja, trigo, Container. E toca a vida pra frente, não pensa muito na caixa, os olhos de Safira estão te esperando. Mas, como já disse antes, o tempo é indomável, e por vezes cruel. Os olhos de Safira foram criando voz e a caixa foi assunto em certa ocasião. Pronto! Estava vindo, outra vez, a vontade de tirar aquela tampa. Está bem, mas vamos aos poucos, nada de arrancar essa tampa e se tornar uma irresponsável. Vai lá, faz a prova. São só duas tardes, passa rapidinho. Vai ficar em casa mesmo, então vai lá e faz. Mas puxa essa caixa só um pouquinho, não tira essa tampa, pelo amor de Deus.

Coisa boa é janeiro, adoro o verão. "Olha! Saíram as notas, dá uma conferida. Parece que foi bom! Vai lá! Juros, porcentagens, NF'S, razão social, CNPJ'S, encerra esse ciclo! Mas, a caixa e o par de Safiras parece terem criado um elo e uma vai dando sentido a outra, ao mesmo tempo a contradição: "as Safiras precisam de certezas, não de caixas." Bem, vou trabalhar e entre telefonemas e grandes caixas de lata, puxo minha caixa mais um pouco e faço a inscrição. Por mim, pelas Safiras, pelo tempo selvagem e cruel. Faz matrícula, tatuagem, compra lápis e caderno, vamos lá, puxa um pouco mais essa caixa, E como era de se esperar, as pedras não preciosas começam a aparecer, e o tempo agora, parece um sopro, de tão rápido que passa e até os containers, mesmo grandões, desapareceram de repente, Ai meu Deus! E agora?! Empurro essa caixa de novo? Minhas caixas imensas de lata, farão

falta no final do mês. Só mais uma tentativa, senão, já era! Te tiro do armário e te joga no buraco negro, pra nunca mais.

É aí, que entra uma mulher desconhecida, abre a porta; não acredito! Outros olhos de Safira! E nas mãos a minha caixa. Então entendi, "os olhos de Safira estão te esperando". Safiras em casa. Safiras segurando minha caixa, não sou mística, mas prefiro acreditar que significa alguma coisa. Conversamos muito, e a cada frase que aquela mulher, que também carrega safiras no rosto, vai falando, simultaneamente vai tirando o pó da minha caixa, é só o começo.

Segunda - feira, quase nove e meia da manhã, lá vem a outra. "Aí meu Deus! Essa daí tá com cara de quem vai tirar essa tampa!". Dito e feito! Ela puxa a tampa para cima e joga para longe, onde eu não posso ver, onde eu não tenho chance de ir buscar. Com olhos não de safiras, mas de Painita, foi tirando da caixa alguns adolescentes, um "faire du sport", uma lata com o mapa de Paris, um "bonjour" e principalmente uma escada imensa, que eu nem sabia que havia dentro daquela caixa. Chego em casa, vou lá no armário, olho a prateleira. No lugar da caixa tem um montinho de



Safira

Citrinos

Esmeraldas

e Ônix

Foi então que eu percebi, a caixa não cabe mais no fundo do armário.



Talvez



PIBID Geografia
Fabrício Paula de Souza

Ontem, quando caminhava para a escola, me deparei com uma situação que me causou angústia, pois encontrei com um conhecido e a cena foi chocante. Esta fez com que me sentisse culpado pelas vezes que não percebi alguns sinais que emergiram no cotidiano da sala de aula, pois a situação estava tão visível que fiquei me questionando sobre como pude não perceber.

Era para ser um encontro comum de um grupo de colegas que estão se formando professores, se não fosse aquele ser, que outrora chamei de aluno, cruzar o meu caminho.

Sempre percebi que aquele aluno era diferente. Usava gírias estranhas, faltava com frequência às aulas, dizendo estar com problemas em casa. Além disso, também dava sinais de um possível envolvimento com o uso de drogas.

Certa ocasião, na sala de aula, observei que estava desenhando armas letais na capa do caderno, mas naquele momento não consegui interpretar os sinais.

Até que ele desistiu e nunca mais o tinha visto...

... ao passar caminhando pela rua, o vi caído.

- Perguntei-me: sua casa?

uma lixeira

de apenas um cômodo - a vida.

- O endereço? A lixeira vazia. Av. Silva Paes, próximo ao Fórum, s/nº.

O Sarau Poético que ocorreu na escola naquela manhã não foi suficiente para me tirar a cena do pensamento. Naquela lixeira tombada residia um ser humano, que, assim como todos, teve um professor. Aquela circunstância levou-me a compreender que o ofício de professor traz consigo desafios, pois demanda saberes docentes, para além do conhecimento conceitual, que nos



mostram a sensibilidade e a humanidade necessárias para perceber realidades sociais distintas que são, muitas vezes, invisíveis.

A narrativa levou-me a considerar que a reflexão desta história é o “talvez”, e questionar-me sobre o papel do professor e da educação.

Talvez o professor deste aluno tenha feito de tudo por ele, ou talvez não tenha percebido a sua condição existencial. Talvez ele não possa ajudá-lo agora, mas talvez possa, a partir das suas aulas, contribuir para a construção de uma sociedade disposta a mudar este cenário, ou, pelo menos, entendê-lo como um problema real e não como parte comum à paisagem, pois se trata

de um ser humano vulnerável, refém de realidades sociais impostas pela lógica dominante, que é injusta, desigual e infelizmente, excludente. Talvez este professor possa ser eu, tu, ela, nós...

Ser bolsista no PIBID é esperar que cada momento e discussão sirvam para compreender minha incompletude, é acreditar que é possível sim ser um bom professor, mesmo que não seja tarefa fácil. É pensar o aluno, pensar a educação e o ofício de ser educador, sabendo que situações inusitadas vão perpassar o nosso fazer docente. No entanto, é importante acreditar que tudo é possível quando nos empenhamos para tanto e acreditamos no papel da Educação enquanto um ato transformador. Talvez...

Créditos

ORGANIZAÇÃO

Ana Zeferina Ferreira Maio
Dinah Quesada Beck
Elaine Corrêa Pereira

PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÕES, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Gabriela Duarte Fraga
Mariana Coelho Penha Corrêa
Renata Krusser

AUTORES

ARTES VISUAIS

Rafael Branco da Silveira

BIOLOGIA

Luiz Gustavo Lopes
Amanda Garcia

CIÊNCIAS EaD

Michelli San Martins Silva

EDUCAÇÃO FÍSICA

Luiza Quadros e Bruno Pedrine

LETRAS-ESPANHOL

Daiane dos Santos Ferreira

FÍSICA

Fernando Augusto Koch

LETRAS-FRANCÊS

Raquel Santos

GEOGRAFIA

Fabrcio Paula de Souza

HISTORIA

Desirée de Oliveira Pires

LETRAS-INGLÊS

Pablo Munhoz Lidor

INTERDISCIPLINAR

Dayana Pereira dos Anjos
Pedro Moreira
Robson Gonçalves

MATEMÁTICA

Matheus Pimentel Gomes

PEDAGOGIA

Juliana Dias de Oliveira dos Santos
Claudiana da Rocha Motta

LETRAS-PORTUGUÊS

Marianna Collares Soares Rego

QUÍMICA

Cesar Soares Motta



COORDENAÇÃO

Elaine Corrêa Pereira
Dinah Quesada Beck

ARTES VISUAIS

Ana Zeferina Ferreira Maio

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Sônia Maria Hefler
Daza de Moraes Vaz Batista Figueira

CIÊNCIAS EaD

Ana Laura Salcedo de Medeiros

EDUCAÇÃO FÍSICA

Mirella Valério

FÍSICA

Aline Guerra Dytz

GEOGRAFIA

Cláudia da Silva Cousin

HISTÓRIA

Carmem G. Burgert Schiavon

INTERDISCIPLINAR

Eliane Cappelletto
Moacir Langoni de Souza
Raquel Pereira Quadrado

LETRAS- ESPANHOL

Maria Josefina Israel Semino De López

LETRAS-FRANCÊS

Eliane Misiak

LETRAS-INGLÊS

Ana Paula Alba Wildt

LETRAS-PORTUGUÊS

Dulce Cassol Tagliani

MATEMÁTICA

Celiane Costa Machado

PEDAGOGIA

Eliane Meireles Leite

QUÍMICA

Aline Dorneles



Processo de criação

Gabriela Duarte Fraga
gabrielladuarte221@gmail.com

Estudante do Curso de Artes Visuais Licenciatura da FURG. Participou como ilustradora e diagramadora do Álbum PIBID 2017.

O processo de criação das ilustrações foi realizado a partir de fotografias autorais. O primeiro passo implicou em ler as histórias e identificar elementos de destaque nas narrativas. Posteriormente, esquematizei a pré-produção das imagens com anotações, rabiscos e montagem dos cenários. Num momento seguinte, teve início a etapa de experimentação fotográfica, ou seja, após encontrar a fotografia que melhor representasse a história, começou a etapa de pós-produção das imagens onde por meio dos softwares de edição Corel draw e photoshop, transformamos a fotografia digital em um desenho, com aplicação de filtros, alteração de cores e processos de montagem. Em algumas ilustrações busquei valorizar aspectos da cidade usando imagens da Rua Silva Paes, da Praça Saraiva e da praia do Cassino. Esta última representada na ilustração da historia “Uma boa aula parte II”.



Foto original



Alteração de cor



Resultado final

Processo de Criação

Mariana Coelho Penha Corrêa
marianacpc1998@gmail.com

Estudante do Curso de Artes Visuais Licenciatura da FURG. Participou como ilustradora e diagramadora do Álbum PIBID 2017.

O processo de ilustração e diagramação da sexta edição do Álbum do PIBID da FURG buscou um design orgânico, integrando o texto escrito e as imagens por meio das relações estabelecidas entre o conteúdo e a forma das histórias. Assim, buscou-se despertar o interesse e a atenção do leitor com uma série de procedimentos adotados, como o uso de fontes de distintos estilos e o recurso de deformação destas em determinados trechos das narrativas com a finalidade de evidenciá-los. Neste processo, também utilizamos nas fontes cores extraídas das próprias ilustrações das histórias, reforçando a articulação entre a forma e o conteúdo. As

variações dos tamanhos das fontes, de acordo com as palavras ou expressões do texto, buscaram construir a sensação que as letras das histórias tem vida, transmitem emoções e estimulam o imaginário do leitor.

A parceria entre a Coordenadora do PIBID de Artes Visuais da FURG, Prof^a Ana Maio, e a Prof^a Renata Krusser da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, foi determinante no trabalho de ilustração e diagramação do Álbum 6 do PIBID, assim como a contribuição das bolsistas pibidianas, acadêmicas do Curso de Artes Visuais Licenciatura FURG.

A sexta edição do Álbum do PIBID da FURG foi um desafio para o meu trabalho e, principalmente, um grande aprendizado!



Análise da história



Utilização de elementos das ilustrações na diagramação



Resultado final

Minha aula memorável

Espaço para sua ilustração.